

ANÁLISE COMPARADA DE CONTOS NA AULA DE LITERATURA: MÉTODOS E REFLEXÕES

Roberta Andrade Meneses

Universidade Federal de Campina Grande

1. Introdução

O ensino de literatura, até recentemente, pautava-se na valorização do conhecimento acerca da identificação de diferentes tendências, situadas historicamente, a caracterizar as produções literárias. Assim, ensinar literatura implicava abordar as obras literárias de modo a enquadrá-las em determinada escola e cronologia, por exemplo, observar que o romance de José de Alencar, *Senhora*, apresenta aspectos temáticos, composicionais e estilísticos capazes de filiá-lo ao Romantismo, escola literária que definiu-se na Europa a partir dos últimos 25 anos do século XVIII e que teve como marco, no Brasil, o lançamento do livro de poesia *Suspiros poéticos e saudades* por Gonçalves de Magalhães em 1836.

Uma das críticas a essa abordagem de ensino de literatura advém dos infrutíferos reflexos dela sobre a formação do aluno leitor, pois esse conhecimento meramente historicista de classificação da obra literária não corroboraria com uma atitude refletiva, negligenciando o universo de possibilidades de tratamento do texto literário. Além disso, essa abordagem cobra dos alunos um conhecimento que não depende necessariamente da leitura da obra, ou seja, o ensino de literatura se despe de sua mais básica contribuição: formar leitores, preferencialmente *leitores maiores*, conforme Vladimir Nabokov.

A defesa da abordagem do texto literário para além de um estabelecimento taxonômico, se alicerça sobre a ideia de que a escola deve constituir um ambiente privilegiado de contato com o texto literário, possibilitando a oportunização de leituras consistentes de material literário variado, através da mediação do professor, sujeito que, devendo ser um leitor voraz, deverá ter sensibilidade para considerar na escolha dos textos o contexto de sua sala de aula: que escola é essa? Que nível seus alunos tem? De que realidade esses alunos vem?

Com base nessas considerações, o presente trabalho se destina a oferecer uma contribuição no que se refere às possibilidades de abordagem do texto literário em sala de aula, considerando a leitura significativa desse texto uma missão fundamental. Por leitura significativa, tomamos aquela que extrapola: 1) a mera decodificação do texto; 2) a mera identificação de informações no texto.

Desse modo, procuraremos discutir a importância da leitura do texto literário, apresentando uma abordagem de ensino de literatura pensada para o contexto escolar. Para tanto, nossa proposta metodológica parte da análise comparada dos contos *Minsk*, de Graciliano Ramos e *O acontecimento*, de Tchekhov.

Nossas principais bases teóricas se constituem dos estudos de D'onofrio (2006), sobre o gênero conto; Gotlib (1985), sobre a teoria do conto; Carvalhal (1986), sobre literatura comparada; Pinheiro(2011), sobre a pesquisa em literatura.

2. Algumas considerações de ordem teórica

2.1 O gênero conto

Segundo Soares (1989), conto é a designação da forma narrativa de menor extensão, possuindo os mesmos elementos do romance, embora apresente características estruturais próprias, como por exemplo, o registro literariamente construído de um episódio singular e representativo.

As delimitações desse gênero também foram tratadas por Gotlib (1985), que considerando pertinente o critério de *tempo de leitura* para definir o conto, retoma Wells, para quem o conto é qualquer peça de ficção passível de ser lida em meia hora. Outro critério para definição desse gênero, apresentado pela autora, é o da *Pungência*, assim, o conto se caracterizaria, sobretudo, pela capacidade de causar impacto, ou, conforme defendido por Robert Arlt, livros de conto são livros que trazem a violência de um soco cruzado. Também a questão do critério de *flagrância* do presente, que torna o conto capaz de representar a vida em suas mais múltiplas situações, é lembrado por Gotlib, como evidência da criatividade presente nas definições criadas para o gênero.

2.1 Literatura Comparada

A literatura comparada pode ser tomada como um ramo dos estudos literários voltado para a comparação entre produções literárias. A natureza desse confronto entre obras não é *una*, mas definida em função dos propósitos da investigação, sendo assim, grande é o universo de possibilidades de uso do método comparativo: rastrear as influências de um autor em outro; analisar as formas de tratamento de um mesmo episódio ou temática em diferentes autores; observar a ressignificação de objetos evidenciada por textos afastados pelas condições histórico-sociais de produção, dentre outras.

Conforme Carvalho (1986), embora a expressão *literatura comparada* se mostre clara em um primeiro momento, ela abarca uma área de investigação que inclui o uso de diferentes metodologias e o tratamento de diversos objetos de análise.

No presente trabalho, utilizamo-nos do método comparativo para promover a análise dos contos *Minsk*, de Graciliano Ramos e *O acontecimento*, de Tchekov, tentando demonstrar que a existência de semelhanças entre as duas obras pode acabar por revelar muito da singularidade de seus autores. A escolha por esse enfoque foi motivada pela preocupação didática com o trabalho de leitura do texto literário em sala de aula. Assim, acreditamos que a literatura comparada, como método, não deve estar restrita à circunscrição acadêmica, podendo constituir ferramenta eficaz para estimular os alunos à postura desbravadora diante da leitura de textos também na circunscrição escolar.

2.3 Pesquisa em Literatura

Ao tratar a questão da pesquisa em Literatura, Pinheiro (2006) defende que a atitude científica diante do texto literário deve se caracterizar pela constante pergunta sobre o que foi narrado:

“Se o momento de leitura é o do deleite, do encantamento, da descoberta, da perplexidade, da inquietação; o momento posterior é da tentativa de compreensão e de explicação, a partir do texto, da experiência de leitura – que resulta numa interpretação.
(Pinheiro, 2006, p.19)

Desse modo, o ler significativamente depende também de um pós-ler, que deve se voltar para as ações de busca pelo compreender e pelo interpretar. Afinal, é no trabalho que se segue a leitura de um texto literário e que depende de idas e vindas a esse texto, que, por

vezes, acabamos por descobrir: sua verdadeira essência, as ciladas da crença no óbvio, a fina genialidade e originalidade de um autor.

Assim, a pesquisa em Literatura tem o poder nos revelar o insuspeito, e atrelado ao prazer da fruição imediata de um texto, o prazer de desvelar esse texto para além de sua superfície nos aguça o olhar sensível do homem que não se satisfaz com “verdade” da aparência.

Portanto, a aula de literatura deve priorizar o contato efetivo com o texto literário, ou seja, deve ser responsável pela leitura que proporcione a inquietação no aluno, despertando seu lado indagador, cerne da pesquisa em toda e qualquer área do conhecimento.

2.4 Leitura: análise, interpretação e compreensão

Como bem sabemos, ler não significa necessariamente, interpretar e compreender um texto. Dessa realidade advém nossa preocupação com a realização de aulas de leitura significativa, em outras palavras, aulas que proporcionem aos alunos uma experiência singular de leitura, afinal, que ambiente é mais privilegiado que a sala de aula para promover a problematização e discussão das questões de interpretação e compreensão advindas da leitura?

Para Amorim (2011), analisar, interpretar e compreender são etapas, ao mesmo tempo, sucessivas e simultâneas, que orientam o ato de leitura. O autor, retomando Cândido (1996), revela que analisar um texto compreende o trabalho de segmentar, separar, distinguir e ordenar os elementos que se mostram importantes em determinado texto, revelando o caráter de matéria verbal articulada que se apresenta à investigação. No que se refere à interpretação, o autor esclarece que: “O ato de interpretar é uma tarefa que, a partir da análise e nela baseado, procura explicar os sentidos de um texto, operando uma mediação entre este e seus leitores.” (AMORIM, 2011,72).

Quanto à noção de compreensão, Amorim defende que, sendo o texto um conjunto de partes que se articulam, a compreensão pode ser tomada como os sentidos que atribuímos a esse conjunto após analisadas e relacionadas suas partes. Segundo ele, compreender implica guardar para nós sentidos que a elaborada linguagem do texto não revelaria sem o trabalho de análise e interpretação.

3. Análise comparada de contos em sala de aula: como e por quê?

Antes de adentrarmos a apresentação e análise dos contos, faz-se necessário que retomemos o propósito do trabalho, tendo em vista esclarecer nossas motivações para a proposta de trabalho com a leitura do texto literário que ora apresentamos.

Poderíamos começar explicando o porquê de se ler literatura, pois, enquanto disciplina, quantas vezes a literatura não tem sido tomada como frivolidade? No texto *Direitos Humanos e Literatura*, Antonio Candido oferece uma relevante reflexão sobre o papel da Literatura, afirmando que ela atende à satisfação de necessidades básicas do ser humano e, nos humaniza “(...) por meio de conhecimento oriundo da expressão submetida a uma ordem redentora da confusão.”(p.117). Assim, a Literatura nos humaniza ao passo que se torna meio para organização de nossas experiências.

O entendimento da Literatura como um direito dos indivíduos nos leva inevitavelmente à questão do tratamento dedicado à leitura literária em sala de aula. Cabe ao professor de literatura criar oportunidades para esse contato efetivo com as obras, mas é preciso discernimento para realização desse intento, sendo o professor sensível aos aspectos que caracterizam sua sala de aula. Por exemplo, se percebemos interesse dos alunos por determinadas assuntos, por exemplo, um filme que está na moda, podemos ser sensíveis a isso, trazendo textos que trabalhem a temática do filme.

Partir dos interesses dos alunos não implica diminuir a qualidade do que se propõe ser trabalhado na aula de leitura. Por exemplo, um filme como *300*, sucesso de bilheteria, que trouxe como temática a questão da guerra, poderia suscitar a seleção de variados textos que tratam sobre esse tema, ampliando significativamente o horizonte de experiência reflexiva dos alunos com relação a essa temática.

Essas e outras estratégias para alcançar os alunos são necessárias, pois é preciso lembrar que o aluno pertence a uma determinada geração, é constructo de determinadas experiências, possui determinado nível de formação, etc. Assim, proporcionar uma atividade de leitura significativa em sala de aula depende da sensibilidade do professor para a escolha de textos que possam ser assimilados pela sensibilidade do aluno leitor.

Nesse sentido, o gênero conto pode ser um aliado. Por ser um gênero de curta extensão, em geral, podendo ser lido integralmente em uma aula, o conto pode beneficiar um trabalho mais detido e completo com a leitura em sala de aula. Conforme D'onofrio (2006), a diminuição de elementos estruturais confere ao conto uma grande densidade dramática. O que

faz com que esse gênero ofereça elementos para a promoção de uma experiência de leitura singular.

Mas, como já dito anteriormente, a leitura deve ser significativa, e para isso vem o trabalho de pós-leitura. Discutir o texto e analisá-lo são passos que levam os alunos a uma percepção mais profunda do texto, influenciando na qualidade da interpretação atribuída a ele. Desse modo, a literatura comparada pode constituir um método de abordagem que permita aos alunos ultrapassar a superfície de um texto, desvendando meandros que enriqueçam a experiência de leitura.

4. Os contos

Os contos *Minsk*, de Graciliano Ramos e *O acontecimento*, de Tchekhov abordam a questão da relação entre a criança e o animal, tomado como bicho de estimação. Diversos são os aspectos que podemos elencar como semelhantes em ambos os textos, embora essas mesmas semelhanças, paradoxalmente, também revelem a diferença, o diverso que singulariza cada um dos autores.

4.1 Breve resumo dos contos

Minsk- Graciliano Ramos

Nossa personagem central é Luciana, criança arqueira que, vítima da falta de atenção dos demais membros da família, inventa interlocutores imaginários para lidar com a solidão. Mas tudo muda quando Luciana ganha de seu tio um pequeno periquito, Minsk, com o qual passa a desenvolver uma intensa relação de afeto e cumplicidade. No entanto, a narrativa não encerra um final feliz: a amizade da menina e do periquito tem um fim trágico quando Luciana, acidentalmente, causa a morte do pequeno amigo, e, sendo tomada pelo peso imenso da perda e da responsabilidade, é acometida de intensa dor.

O acontecimento – Tchekhov

Vânia e Nina são dois irmãos que veem sua rotina tediosa sacudida por um “grande” acontecimento: a gata da casa dá cria a três adoráveis gatinhos. O fato provoca uma imensa impressão nas crianças que tomadas por um misto de sentimentos - euforia, curiosidade, afeto

- passam a se dedicar integralmente aos cuidados com os gatinhos. O vínculo entre as crianças e os bichos é rompido quando um cão da família devora os filhotes.

4.2 Afinidades

No breve resumo dos contos, já podemos vislumbrar um diálogo entre eles, a saber, o vínculo de afeto entre as crianças e seus bichos de estimação e o rompimento trágico dessa relação pela morte desses bichos. Além disso, outros aspectos aproximam essas narrativas:

- a) Ambos os textos são marcados pela ocorrência de um acontecimento. Em *Minsk*, é a chegada do periquito, que instaura uma nova realidade para a garota Luciana:

“Luciana recebeu-o, abriu muito os olhos espantados, (...) deu um grito selvagem, mistura de admiração e triunfo. Esqueceu os agradecimentos (...) chegou à cozinha (...) a cozinheira não lhe prestou atenção (...) (p.60).”

Em *O acontecimento*, é o nascimento dos gatinhos, que modifica a rotina das crianças:

“- A gata deu cria! – gritam – a gata deu cria!(...) as crianças ficam de cócoras ao lado do caixote, sem se mexer, de respiração presa, e olham a gata... Estão surpreendidas, perplexas e não ouvem os resmungos da babá (...) a alegria mais sincera fulge nos olhos de ambos.” (p. 149).

- b) Ambos os textos trazem a questão da relação afetiva com os bichos como promotora de alívio interior.

Em *Minsk*, a relação de amizade com o periquito liberta Luciana de sua extrema solidão:

“A chegada de Minsk alterou os hábitos da garota(...)Agora Luciana se encolhia pelos cantos, vagarosa, Minsk empoleirado no ombro.” (p.63).

Em *O acontecimento*, Nina e Vânia se veem livres do tédio a que são submetidos pela rotina familiar:

A gata deu cria! – gritam. – A gata deu cria!(p.149).

- c) Ambas as narrativas se dão em no interior de um núcleo familiar. A estrutura patriarcal, revelada nas figuras do pai provedor e da mãe dona do lar, a menção aos empregados domésticos, entre outros elementos, denunciam o universo pequeno burguês dos núcleos familiares no quais se dão as histórias.

Em *Minsk*, a mãe severa, a criadagem e a figura do pai provedor ausente evidenciam a atmosfera de costumes da sociedade burguesa.

“Mamãe saia dos trilhos sem motivo. A criada negra, rabugenta, estúpida (...) Papai saia de manhã, voltava à noite, lia o jornal.” p. 64.

Em *O acontecimento*, a figura da mãe que se dedica aos afazeres fúteis para passar o tempo e a do pai, como centralizadora “natural” de poder:

“O anoitecer transcorre na espera do momento em que papai vai se sentar para o uíste (...) papai senta-se à mesa com o baralho, mamãe está preocupada com o samovar (...).” (p. 153).

- d) Ambas as narrativas apresentam a figura da mãe como peça genérica, não particular. A mãe é simplesmente mãe, em nenhum dos contos sabemos seus nomes. Nessas mães não vemos o traço de afetividade, mas de severidade.

Em *Minsk*, mamãe é dura e distante

“O instinto de mamãe é que não se modificava: de quando em quando lá vinham arrelias, censuras, cocorotes e puxões de orelha (...).” (p. 63).

- e) Ambas as narrativas trabalham com a noção de visão do mundo adulto *versus* visão do mundo infantil. Nas histórias nos deparamos fortemente com o confronto entre as visões de mundo que caracterizam o olhar do adulto e o olhar da criança. A visão infantil aparece como inacessível aos adultos, como se nem mesmo existisse, o que se revela no menosprezo dos adultos em relação às crianças:

Em *Minsk*,

“Mamãe (...), a criada negra, (...), papai, (...) tio Severino (...) Nenhum desses viventes percebia as conversas de Luciana.”

“Por isso, Luciana inventava interlocutores, fazia confidência às árvores do quintal e às paredes”. (p.64).

Em *O acontecimento*,

“Quando, à noite, tio Pietrucha vem de visita, eles o chamam para um canto e fazem queixa do pai, que pretendeu atirar os gatinhos na lata do lixo.

_ Tio Pietrucha, - pedem – diga à mamãe para a empregada levar os gatinhos no nosso quarto. Di-iga!

_ Ora, ora... Está bem! – respondeu o tio, procurando livrar-se deles.” (p.153).

- f) Ambas as narrativas trazem o fim da relação com os bichos de estimação pela morte deles.

Em *Minsk*,

“Um dia em que marchava assim pisou num objeto, ouviu um grito. Levantou o pé (...) virou-se alarmada (...) havia uma desgraça (...) a confusão se dissipou, sacudiu a cabeça não querendo entender.

_ Minsk!

A aflição repercutiu na casa, ofendeu os ouvidos de mamãe, de Maria Júlia, da cozinheira, chegou ao quintal e à rua.” (p.66).

Em *O acontecimento*,

“Mas, nesse momento Stiepan entra na sala e exclama, rindo:

_ Patroa, Nero comeu os gatinhos!

Nina e Vânia empalidecem e olham horrorizados para Stiepan.

As crianças esperam que todas as pessoas se agitem e se atirem sobre o criminoso Nero. Mas as pessoas permanecem sentadas (...) papai e mamãe riem...”(p.153).

4.3 A diferença: expressão da singularidade

Embora os contos tenham pontos de ligação, o tratamento desses pontos apresentam diferenças que denunciam as singularidades criativas de cada um de seus autores. Por exemplo, os contos possuem narradores em terceira pessoa, no entanto:

Em *Minsk*, temos uma variante de narrador em terceira pessoa, o narrador “parcial”, que se integra à perspectiva infantil, revelando-a, denunciando a solidão, a tristeza, o trágico da descoberta da morte sob a perspectiva infantil.

Em *O acontecimento* temos outra variante de narrador em terceira pessoa, o narrador “intruso”, que acaba por se dirigir diretamente ao leitor. O narrador desse conto não chega a se integrar à perspectiva infantil, antes a retrata com benevolência.

Os contos também se singularizam ao observamos o tratamento oferecido às perspectivas infantis. Em *Minsk*, a perspectiva infantil leva à pungência, é soberana. Já em *O acontecimento*, essa perspectiva é suavizada pela perspectiva adulta, que ridiculariza e menospreza a visão infantil.

Os desfechos dos contos são outro dado interessante, pois revelam formas diferenciadas de realização do gênero. Em *Minsk*, o rumo do enredo segue em sentido ascendente, culminando com a intensidade dramática do desfecho trágico. Em *O acontecimento*, o enredo não segue um percurso crescente, antes se realiza em um movimento linear, paradoxalmente ao título, é como se não houvesse de fato um acontecimento significativo, antes um acontecimento com o peso dos acontecimentos banais que encerram a sucessão cotidiana.

5. Considerações Finais

A análise comparada de contos em sala de aula pode representar uma opção viável ao desenvolvimento de alunos leitores mais críticos. A análise comparada como procedimento que nos revela recônditos insuspeitos, exige uma postura menos ingênua diante do texto, nos levando para além do óbvio, devendo ser tomada, nesse contexto, não como finalidade da fruição, mas como ferramenta dela. Assim, o desenvolvimento de alunos leitores reflexivos, capazes de leituras que extrapolem o limite da superfície textual, através da estimulação de uma postura desbravadora diante da leitura do texto pode contar com a análise comparada como meio para incitar a atitude inquiridora.

6. Referências

AMORIM, J. E. Leitura, análise e interpretação. In: PINHEIRO (org.). *Pesquisa em Literatura*. Campina Grande: Bagagem, 2011, p.59-93.

CANDIDO, A. In: FESTER, A. C. Ribeiro (org.) *Direitos Humanos e Literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARVALHAL, T. F. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1986.

D'ONOFRIO, S. *Teoria do texto*. São Paulo: Ática, 2006.

GOTLIB, N. B. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1985.

PINHEIRO, H. Pesquisa em Literatura: atitudes e procedimentos. In: PINHEIRO (org.). *Pesquisa em Literatura*. Campina Grande: Bagagem, 2011, p.15-58.

SOARES, A. *Gêneros literários*. São Paulo: Ática, 1989.

RAMOS, G. *Insônia*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

TCHEKHOV, A. P. *A dama do cachorrinho*. L&PM, 2010.